

Reflexões no ensino acerca das conjunções coordenativas¹

CRISTIANE NASCIMENTO RODRIGUES
DANIELA S. GUANAIS COSTA
LUAN LEE HERNANDES
NATÁLIA CRISTINA ESTEVÃO
RAFAEL BORGES RIBEIRO DOS SANTOS

*Alunos do 3º ano do curso de Letras Português e Espanhol ou Português e Inglês,
na Universidade Federal de São Carlos.*

*e-mails : cristiane.rodrigues22@hotmail.com; daniela_guanaes@hotmail.com;
luan_lee@yahoo.com.br; nati_creide@hotmail.com; rafaeljud@hotmail.com*

Resumo: O presente trabalho refere-se ao estudo das conjunções coordenativas, a partir da observação de dados coletados pela linguista Maria Helena de Moura Neves, juntamente com a análise de uma gramática do Português e de uma redação de um aluno de Ensino Fundamental. Procurou-se avaliar como as conjunções coordenativas aí aparecem, de modo a elaborar um plano de aula com exercícios que busquem obter uma aprendizagem melhor por parte dos alunos. Nesse sentido esperamos que a reflexão sobre a língua e seu funcionamento seja realizada numa perspectiva interacionista professor-aluno, e que esta seja capaz de perceber as relações de marcadores argumentativos em um texto. No caso particular, as relações entre as conjunções coordenativas.

Palavras-chave: conjunções coordenativas; Interacionismo; ensino de português

Introdução e objetivos

Levando em consideração as atuais diretrizes educacionais do ensino médio em contexto de escolas públicas, nos apoiaremos inicialmente, para o desenvolvimento deste artigo, na pesquisa desenvolvida pela linguista Maria Helena de Moura Neves, que se direciona em tratar o modo como a gramática é explorada em aulas de português para alunos do Ensino Fundamental (1.º a 9.º ano).

¹ Este trabalho foi desenvolvido no segundo semestre de 2009, durante a disciplina *Sintaxe da Língua Portuguesa*, ministrada pela Prof^ª. Dr^ª. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale.

Pautados nessa perspectiva buscaremos desenvolver nosso texto com vista a propor um possível desenvolvimento de aula, acerca de uma gramática que trate das partes do discurso. Mais especificamente sobre como os elementos atuam na codificação do discurso, o papel dos coordenadores em um texto. Assim, tentaremos propor o estudo de um tópico em sintaxe: a função que as conjunções coordenativas adquirem na enunciação de uma frase ou texto.

Em seu trabalho, Neves (1984) considera três ocorrências:

1. [O cão] Tornaria a ouvir a voz do velho Naé. *E* tudo voltaria a ser exatamente como tinha sido até então. (Conde, 1978).
2. Eu não valho nada, patrão. *Mas* o senhor pode contar comigo pra o que der e vier (Sales, 1974).
3. Os índios não sei se têm alma imortal. *Ou* se ainda têm (Callado, 1968).

E a partir da observação que se faz delas, conclui que o locutor optou por cortar em duas frases o que poderia juntar em uma só. Além de que usa o coordenador, apesar do corte. Se não houvesse o corte a coordenação seria intrafrasal, mas o estatuto sintático se manteria.

No caso de se suspender o uso dos coordenadores *e*, *mas* e *ou*, o processo de coordenação seria assindético. E assim, haveria a perda da garantia da coordenação.

Nesse sentido notamos que Neves nos apresenta uma perspectiva de conjunções coordenativas muito diferente das que foram ensinadas por muito tempo em várias instituições do passado, e ainda do presente, que se baseiam na noção gramatical calcada por um conjunto de regras e estruturas gramaticais.

Neves parte para a noção de conjunções coordenativas num sentido em que o normativo se integra ao social e ao discursivo, levando em consideração a relação do sujeito com a língua e as diversas possibilidades de significação que a sintaxe e a semântica podem produzir (no que diz respeito, nesse caso, somente às conjunções coordenativas) ao se articularem colaborativamente.

Tendo por base esses e outros dados² apresentados na pesquisa de Neves, tentaremos criar um trabalho que proponha a elaboração de uma aula interativo-reflexiva acerca das conjunções coordenativas, buscando mobilizar os alunos do 9.º ano a notarem a importância prática e funcional das conjunções coordenativas e a maneira como direta ou indiretamente elas se inserem no cotidiano.

Metodologia

Como metodologia, buscaremos unir as aulas de gramática (conjunções coordenativas) com as de leitura e produção textuais, pensando na língua como um sistema

² Alguns desses outros dados da pesquisa de Neves serão explorados no momento de elaborarmos nossa metodologia.

contínuo e considerando que qualquer divisão em disciplinas é simplesmente de caráter formal. Com essa união texto e gramática, tentaremos propor um tema com o qual o aluno se identifique, que neste caso será a adolescência, com a finalidade de nos aproximarmos dos alunos, já que estamos lidando com um público do 9.º ano.

Com a utilização dessas técnicas pretendemos elaborar uma aula mais dinâmica, diferente do ensino tradicional de gramática, que simplesmente se baseia na divisão e nomenclatura de classes. Com isso esperamos que os alunos se sintam mais motivados em desenvolver o trabalho proposto pelo professor, sendo capaz de encontrar no conteúdo um caráter funcional praticado em seu cotidiano, diferente do que nos aponta os dados da pesquisa de Neves (1984, p. 237-238):

[...] A catalogação das classes foi a atividade apontada na pesquisa como a mais frequentemente explorada nas aulas de gramática. [...] O primeiro ponto que deve ser indicado é que 100% dos professores entrevistados afirmam ensinar gramática. Uma conclusão muito grave que se tira dos resultados da pesquisa, porém, é que os professores confessam acreditar que seu trabalho com o ensino da gramática “não serve para nada”.

Trabalhando dessa maneira tentaremos atender a duas necessidades dos alunos, tanto no que diz respeito à produção textual, como ao conteúdo gramatical, relacionando ambas com o tema pré-estabelecido e familiar para os alunos. Segundo Leffa (2003), “o que o aluno já sabe deve servir de andaime para o que ele ainda não sabe. Ninguém aprende algo que é totalmente conhecido e nem algo que seja totalmente novo”. Dessa maneira partiremos de temas que os alunos já conhecem (conjunções e produção textual) e aperfeiçoaremos o conhecimento de tais temas com a finalidade de que o aluno domine as técnicas de produção de texto e, conseqüentemente, faça o uso adequado das conjunções coordenativas.

Nesse sentido esperamos que esta metodologia seja relevante não só para não cairmos nos mesmos dados apresentados pela pesquisa realizada por Neves, como também para proporcionar a reflexão dos alunos em reconhecer as conjunções coordenadas no seu próprio texto, além ainda do emprego que fazem delas e nas diversas maneiras em que contribuem para a alternância de sentido do texto, já que as conjunções coordenativas estão intrinsecamente presentes no sistema linguístico que utilizamos para produzir nossos enunciados.

Desenvolvimento

Para o desenvolvimento dessa atividade partiremos do pressuposto de que os alunos já tenham produzido um texto proposto pelo professor e que as particularidades pertinentes ao texto como coerência, coesão, entre outros, já tenham sido abordadas.

Assim, inicialmente, o professor abordará os conceitos pertinentes às conjunções coordenativas. Para isso nos utilizaremos dos conceitos apresentados pela Gramá-

tica de Cereja & Magalhães: *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação* (São Paulo: Atual, 1999). A escolha dessa gramática em detrimento de várias outras se deu pela maneira como distribui esse conteúdo partindo para uma abordagem reflexivo-interativa em relação ao texto e as funções sintáticas nele presentes, por isso mais condizente com a abordagem que estamos nos propondo a trabalhar.

Nessa gramática as conjunções coordenativas são divididas de quatro maneiras: aditivas, adversativas, alternativas e conclusivas³, sendo que Cereja & Magalhães (1999, p. 185) fazem a seguinte definição:

1. Aditivas: servem para ligar dois termos ou duas orações de mesmo valor sintático, estabelecendo entre eles uma ideia de adição. São as conjunções *e, nem (e não), que, não só... mas também*.
Ele não respondeu às minhas cartas *nem* me telefonou.
2. Adversativas: ligam dois termos ou orações, estabelecendo entre eles uma relação de oposição, contraste, ressalva. São elas: *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto, e* (com valor de *mas*).
A mulher chamou imediatamente o médico, *porém* não foi atendida.
3. Alternativas: ligam palavras ou orações, estabelecendo entre elas uma relação de separação ou exclusão. São as conjunções *ou, ou... ou, já... já, ora...ora, quer...quer, etc.*
O mecânico *ora* desparafusava o moto do carro, *ora* juntava outras peças espalhadas pelo chão.
4. Conclusivas: introduzem uma oração que exprime conclusão em relação ao que se afirmou anteriormente. São elas: *logo, pois* (no meio ou no fim da oração), *portanto, por conseguinte, por isso, assim* etc.

Antes de tais definições, há, na mesma página, um texto, e em seguida pede-se que o aluno destaque as conjunções ali encontradas. Detalhe distinto da atividade que propomos ao professor, em que serão, primeiramente, dadas as definições de conjunções, e posteriormente trabalharemos com os exercícios. Optamos por desenvolver a atividade dessa maneira, pois acreditamos que o aluno terá mais dificuldades em fazer os exercícios sem as explicações prévias, o que pode provocar um bloqueio futuro do “é muito difícil” caso ele não consiga realizar pelo menos parte de tais exercícios.

Após a explicação, os alunos deverão retomar as suas produções textuais. Para exemplificar utilizaremos a terceira versão de um texto resumido/produzido por um

³ Nem todas as gramáticas trazem as conclusivas como conjunções coordenativas; algumas as apresentam como “unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas”: BECHARA, V. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 322-323. Porém nessa atividade não acreditamos ser relevante trazer tal abordagem para os alunos. Isso poderia confundir-los neste primeiro momento. No entanto, também não é algo para ser desconsiderando, mas abordado a partir da 4ª ou 5ª aula (estamos pensando em uma aula com cerca de 50 minutos de duração).

aluno do 9.º ano, de uma escola pública de São Carlos, sobre adolescência e sexualidade:

Quando estamos apaixonados sentimos algumas sensações gostosas, e é nesse ponto que entregamos nossas emoções.

Homens e mulheres se sentiam atraídos uns pelos outros e buscavam realizar essas emoções por meio de afetos e relacionamentos sexuais.

Tais relacionamentos tiveram diferentes concepções ao longo do tempo, na antiguidade o sexo só poderia ser feito depois do casamento e essa ainda é a opinião de muitas pessoas.

Porém, percebemos que nos anos 70 houve uma revolução sexual com a descoberta da pílula e também o aumento das doenças sexualmente transmissíveis.

Com isso notamos quando jovens começam a fazer sexo antes da hora podem trazer riscos e insatisfações para suas vidas. O mais adequado seria um equilíbrio dessas duas concepções desenvolvidas ao longo do tempo, que consiste em consciência do que queremos para nossa vida e consciência das consequências de nossas escolhas.

Diante dos seus próprios textos é importante que os alunos sejam motivados a identificar as conjunções que utilizaram e em seguida as substituam por outras, percebendo e refletindo sobre os diferentes valores semânticos que serão produzidos. Ex: *Homens e mulheres se sentiam atraídos uns pelos outros.* O “e” funciona como conjunção coordenada aditiva nesse caso, pois é responsável por gerar o sentido de que sexos opostos se atraem. Se tal conjunção for substituída pela conjunção coordenativa também aditiva “nem”, a frase ficaria da seguinte maneira: *Homens nem mulheres se sentiam atraídos uns pelos outros.* Essa frase recebe um sentido contrário à primeira, pois gera o sentido de que os homens não se sentiam atraídos pelas mulheres nem elas por eles.

Refletindo sobre os aspectos semânticos e sintáticos das conjunções coordenativas e fazendo esse exercício ao longo de todo o texto, ao fim do exercício, espera-se que os alunos sejam capazes de perceber quais empregos foram ou não pertinentes e, dentre os que foram, qual o sentido produzido em comparação ao primeiro uso que fizeram da coordenativa.

Provavelmente ao longo dessa atividade surgirão dúvidas acerca das conjunções coordenativas (o que é e o que não é conjunção coordenativa no texto); o professor poderá esclarecer as dúvidas de seus alunos, de modo que a atividade ocorra de forma tranquila e descontraída, aproveitando que muitas vezes a alternância de tais conjunções será responsável por produzir significados cômicos e divertidos.

Nessa perspectiva, acreditamos na relevância dessas atividades para a reflexão e autoconhecimento dos alunos e de suas escritas por si mesmos. Ao mesmo tempo, trabalhar a gramática se torna algo mais do que uma simples classificação de palavras, pois adquire um aspecto funcional na escrita, que está inserida em todos os âmbitos de nossa vida. Outra sugestão de textos que poderiam ser abordados desta mesma maneira são anúncios de propagandas que visam a persuadir o leitor. Assim a discussão sobre a intenção do autor poderá ser ampliada.

Exercícios aplicáveis

Abaixo, exemplos de outras atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula, também visando ao nosso objetivo e à nossa metodologia propostos.

- 1) Leia atentamente o texto do colunista Luiz Caversan publicado na *Folha de São Paulo*, no dia 10/10/2009. Atente para os usos dos coordenadores textuais.

Facebook versus estilo

Não é possível, pelo menos por enquanto, saber no que vai dar essa fantástica onda de comunicação imediata por intermédio das redes sociais no que diz respeito ao meio mesmo da comunicação, que são as palavras, o texto.

Muito já se tem dito, contra e a favor, sobre os tais 140 caracteres obrigatórios do Twitter e sua fulminância, que pode até chegar a ser momentaneamente literária, mas que em geral é apenas banal.

Eu, por exemplo, perdi logo o interesse, justamente por conta da banalidade. Minha banalidade, que fique claro, uma vez que estava me pegando frequentemente postando informações que no fundo não eram relevantes nem mesmo para mim. Como já se vai longe o tempo em que me permitia jogar muita conversa fora, quem caiu fora fui eu. Twitter agora só de vez em quando e quando neste quando houver o que dizer...

Mas o encantamento atual está no entorno da maior consistência do Facebook, no qual, além da comunicação imediata e do feedback absurdamente rápido, há a possibilidade de contextos maiores, como fotos, filmes, jogos etc., fora os diálogos mais prolongados.

O texto, no entanto, permanece em geral curto, ligeiro. Porém não necessariamente raso, uma vez que replica-se triplica-se e insere-se um volume a rigor infinito de informações, de um tema vai-se a outro, e uma grande conversa se estabelece, conversa essa que não é mesmo de se jogar fora.

Estamos todos para entender direito o que está-se vivendo nesta seara da comunicação pessoal, e o melhor a fazer é permanecer aberto a todas as possibilidades, creio.

No entanto me incomoda a ligeireza excessiva da palavra escrita, como se de repente a elaboração, o primor, o capricho, a norma culta fossem dispensáveis.

Não é dispensável cada um, não o são todos esses quesitos.

E talvez estejamos aqui diante do grande desafio a se perseguir: hay que postar sin perder lo estilo jamás!

Será que dá?

-
- A. Quais são as conjunções coordenativas presentes no texto?
 - B. Como são classificadas cada uma dessas conjunções coordenativas encontradas?
 - C. Qual é o papel que essas conjunções estabelecem em diferentes casos? Cite três exemplos do texto.

D. Retire do texto todas as conjunções encontradas. Há alguma diferença na interpretação textual? Reflita sobre os conceitos de coerência e coesão associando-os ao uso das conjunções.

2) Agora observe o texto abaixo, de Ricardo Ramos.

Circuito Fechado⁴

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

A. Qual é a particularidade presente nesse texto?

B. Apesar de ser um texto incomum, é possível apreender o seu significado? Por quê?

C. Reescreva esse texto utilizando-se das conjunções coordenativas. Use sua imaginação e atente para a relação possível de ser estabelecida entre cada palavra.

3) Leia atentamente a tirinha a seguir:

⁴ Texto de Ricardo Ramos, retirado do texto "Você sabe qual o conceito?" de Alfredina Nery. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/portugues/ult1693u10.jhtm>. Acesso em 17/11/2010.



Agora, partindo da leitura feita, identifique se existe algum tipo de conjunção utilizada na tirinha e, se existir, qual a função que esta desempenha.

Para um bom desempenho, as atividades deverão ser respondidas pelos alunos de maneira individual ou em dupla e, em seguida, o professor deverá corrigir com a classe, incitando uma discussão sobre o tema abordado.

Resultados esperados

Visamos, com essa abordagem, a que os alunos não decorem simplesmente quais são as conjunções coordenativas, mas que a partir delas criem uma visão crítico-reflexiva dos seus e de outros textos, sendo capazes de notar como e onde tais conjunções são aplicáveis, se atendo para as consequências e alterações que seus diferentes usos podem provocar.

Propomos uma aula que não seja simplesmente expositiva, mas interativa, e que a partir dela os alunos, como os próprios professores, percebam novas formas de aprender e ensinar gramática, voltando-se para a eficiência prática que ela tem em nosso cotidiano.

Nessa perspectiva esperamos colaborar para a formação de um aluno linguisticamente competente, que seja capaz de se articular com a língua e sua complexidade, enriquecendo o conhecimento prévio que possui, para que a partir daí seja capaz de selecionar de forma crítica o vocabulário que utiliza, em acordo com as diferentes relações e ambientes em que se encontra inserido.

Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CAVERSAN, Luiz, *Facebook versus estilo*. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/luizcaversan/ult513u636416.shtml>.
Acesso em 15/11/2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 13 ed. São Paulo: Nacional, 1974.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999.

LEFFA, V. J. "Como produzir materiais para o ensino de línguas", in: *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Org. de V.J. Leffa. Pelotas: Educat, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

RAMOS, Ricardo. "Circuito fechado", in: NERY, Alfredina. *Você sabe qual o conceito?* Disponível em <http://educacao.uol.com.br/portugues/ult1693u10.jhtm>. Acesso em 17/11/2010.

IMAGEM número 1. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/3985566/Garfield-196-Tiras-Publicadas-em-1978-Portugues>>. Acesso em 01/12/2010.